

# TEXTOS LITERÁRIOS

## Pernas cruzadas

Milton José de Almeida<sup>1</sup>



James Ensor, *Máscaras questionando um enforcado*.

O Professor passa por ali, vê as duas conversando e repara que Madame prende as pernas, ainda bonitas e cheias, numa meia brilhante. E olha... assim, meio de lado.

Madame usa saia bem curta.

Claro que sabe que está fora da sua idade. Mas finge que não, adora que a olhem assim, como se a desejassem. Ela também desvia o olhar assim, de lado. Um teatrinho sensual. Ela percebeu.

Um dia ela disse que ele se vestia como um ex-padre. Ela não sabe que ele prefere mais novas.

Daqui a pouco estarão juntos na reunião.

... o tempo vai indo e a reunião não acaba.

São Paulo é uma cidade fria e a sala está gelada.

Estão discutindo as aulas do próximo semestre. Os alunos estão fugindo, as aulas diminuindo e cada um tenta pegar umas aulas e se manter.

As mãos de Madame estão frias.

O Professor tira os óculos para limpá-los e olha para ela.

As mãos de Madame estão mais frias. Ela aperta as mãos e olha a mesa. Sabe que precisa pegar umas aulas antes que outros peguem.

Ela cruza as pernas, a saia sobe mais.

O Professor abaixa a cabeça para limpar os óculos e olha mais.

As Professoras da Fundação condenam Madame por esse desatino e provocação, ainda mais nessas circunstâncias sérias.

Nesse instante, espelhada pelos brilhos que sua meia dourada capta da luz e a destaca daquela reunião vulgar, Madame acontece.

Seu corpo divide-se em duas metades incoerentes.

A cabeça atenta e ereta sobre o torso rígido e sério reprime a metade superior vista por todos. A inferior, entrevista por alguns, espelna na forma bela e sensual das pernas.

Talvez ela esteja sendo atacada por algum espírito desatinado das terras sem pecado, uma aparição instantânea necessitada de um momento de carne e conflito, desejo e santidade, grandeza e mesquinha, beleza.

O fato é que ondas de luz e calor sobem por aquelas pernas e estacionam no olhar de Madame.

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Educação da Unicamp e coordenador do OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais. E-mail: miltonpisani@gmail.com

O fato é que Madame, embora deseje, é indiferente àqueles olhares. Esse pequeno espetáculo momentâneo acontece em seu palco interior, encenado apenas para seu próprio prazer. Espectadora e atriz, seu olhar pousa além, muito além.

O fato é que o Professor naquele momento também é afligido por uma experiência singular.

No trajeto em direção àquelas pernas, movido por malícia e desejo, seu olhar recebe os reflexos dourados e é levado por um mínimo instante à plateia interior de Madame e, nesse mínimo instante, expelido. Talvez aí, ele tenha tido contato com alguma coisa digna, alguma coisa que não merece, mas que lhe foi dada como um brinde irônico.

Nesse mínimo instante, ondas de luz e calor passeiam pela sala da Reunião, e o olhar de Madame parece pasmar nas portas abertas.

Diversas pessoas estão às portas. Apertam-se para ver. A mulher gorda de vestido verde tem uma faca na mão. Na outra porta, um homem de verde tem uma navalha na mão. Máscaras curiosas apinham-se nas portas e olham. A atmosfera é cruel e poderíamos perguntar ao pintor a razão de um pincel tão desapiedado. Também sabemos que os pincéis não têm razões, eles pintam.

As máscaras apertadas nas portas, não sabem que razões têm para olhar.

Mas antes que seus olhares arranjem alguma razão, as vozes alteadas na reunião espantam as ondas de calor e luz, que abandonam a sala e a deixam na luz fria e azul costumeira.

Ágil, o Professor levanta a cabeça, coloca os óculos e, como um esperto jogador de pôquer, abre suas cartas e recolhe as aulas que precisa. Em seguida, seus dois colegas fazem o mesmo.

As duas Professoras observam atônitas a mesa que esvazia e olham para Madame em busca de ajuda ou pelo menos uma cumplicidade momentânea.

Naquele mesmo ínfimo instante, Madame abandona, ágil, seu palco interior. Esperta, mesmo que alguns milésimos de tempo depois dos Professores, arremata as últimas aulas.

Não, as últimas não, sobrou uma classe, a de sexta-feira à noite, com cem alunos.

Um sorriso, uma pequena curva infame forma-se nos rostos dos Professores.

As duas Professoras suadas, descabeladas, são agora duas bonecas de trapo e gaguejam. Traços de piedade e angústia misturam-se com cobiça e violência em seus rostos e vozes, enquanto disputam as aulas de sexta-feira.

Madame, ileisa e distante, cruza de novo as pernas.

Ondas de luz e calor sobem de seus pés. Seu olhar pasma nas portas da sala e vê as máscaras apertadas.

Junto a elas, Madame olha os dois esqueletos que disputam o enforcado.

Os esqueletos vestem trapos de luxo e olham a mulher derrotada estendida no chão, enquanto o enforcado aguarda, pendurado, a continuação da luta.

O espanador e o esfregão são as armas da disputa. Instrumentos tão domésticos que Ensor poderia ter pegado escondido da sua mãe, enquanto ela tomava conta da loja de máscaras e quinquilharias. Dizem que seu ateliê era cheio de bonecas, máscaras, bruxas, esqueletos trazidos da loja da família.

As máscaras continuam ali espremidas.

Imagina-se que as máscaras escondam rostos, rostos escondem sentimentos e paixões, paixões escondem-se em máscaras.

Houve o caso daquela professora que, em Paris, fazendo um curso de teatro, usou uma máscara que se colou a seu rosto de tal forma que lhe foi impossível retirá-la. Andou dias com ela, talvez o resto da vida.

Não é o caso de Madame.

Ela sabe muito bem que uma coisa é um rosto; outra, uma máscara. Ela não deixa que se confundam e cheguem a tal ponto que se igualem, o verso e o averso. O que deixaria uma máscara inutilizada para sempre.

Madame sabe que a arte está em usá-la em outras partes do corpo, também.

Nas pernas, por exemplo.

Mas está na hora.

Todos se levantam.

Ao sair da sala, vemos a saia justa, o salto alto e as pernas bonitas de Madame roçarem nas máscaras apertadas na porta.

Recebido em fevereiro de 2009 e aceito em julho de 2009.